

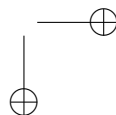
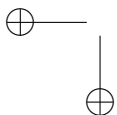
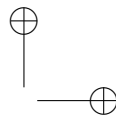
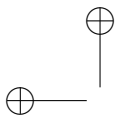
A METAFÍSICA DO YIN – YANG



João Carlos Silva

2011

www.lusosofia.net





LUSOSofia:press

Covilhã, 2011

FICHA TÉCNICA

Título: A Metafísica do Yin-Yang. Análise conceptual do significado metafísico de um símbolo tradicional

Autor: João Carlos Silva

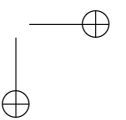
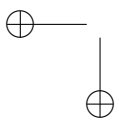
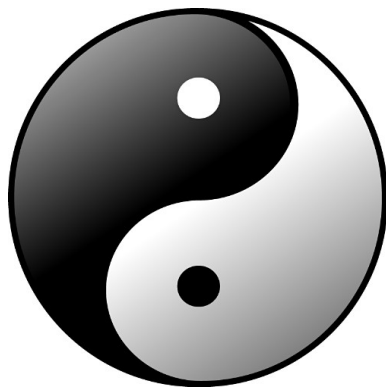
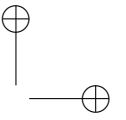
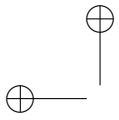
Colecção: Artigos LUSOSOFIA

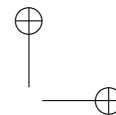
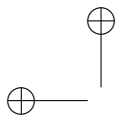
Design da Capa: António Rodrigues Tomé

Composição & Paginação: José M. S. Rosa

Universidade da Beira Interior

Covilhã, 2011





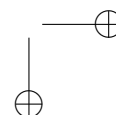
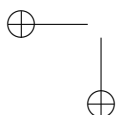
A Metafísica do Yin-Yang

—

Análise conceptual do significado metafísico de um símbolo tradicional

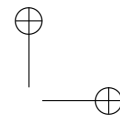
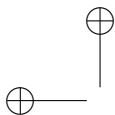
João Carlos Silva

É frequente ouvir-se dizer que uma imagem vale por mil palavras. Pois bem, passe o eventual exagero do número, a análise a que vamos proceder pretende pôr à prova tal declaração e determinar se é realmente esse o caso, ao menos no que diz respeito a uma imagem em particular: o símbolo tradicional chinês do Yin-Yang. A fim de investigarmos tal hipótese, vamos analisar conceptualmente o símbolo em questão, tentando descobrir-lhe tantos significados metafísicos quanto possível, verificando assim quantos princípios e conceitos fundamentais sobre a estrutura profunda da realidade este implicitamente comporta (ou representa) de forma simultânea e integrada. Uma vez que é o próprio conceito de símbolo que encerra em si mesmo o significado de algo que representa, sugere ou indica, por evocação manifesta, outra coisa ou ideia que nele simultaneamente se faz patente e se oculta - unindo e separando assim, ao mesmo tempo, duas ordens de realidade diversas mas correspondentes -, será precisamente esse poder evocativo da imagem em questão para simbolizar princípios metafisicamente estru-



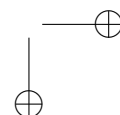
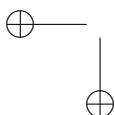
turantes da realidade que iremos tentar demonstrar, traduzindo significados nela implícitos em conceitos explícitos usados pela razão para pensar e conhecer aquela estrutura. Partimos assim do pressuposto realista – aqui não examinado - de que a estrutura fundamental da razão humana reflecte e articula, de alguma forma, nos seus princípios, conceitos ou categorias fundamentais, a própria estrutura fundamental da realidade de que faz parte e que tenta conhecer, assumindo portanto uma relação de correspondência possível e real, embora imperfeita, e tanto estrutural como funcional - ou de isomorfismo e homologia - entre ambas, e destas com a ordem simbólica das palavras ou imagens que usamos para significar de outra forma as mesmas ideias e coisas.

Contudo, antes de passarmos à análise propriamente dita, impõe-se que clarifiquemos o sentido do próprio conceito de metafísica que aqui vamos usar, bem como o de análise conceptual, a fim de evitar ambiguidades ou confusões desnecessárias. Por “metafísica” entendemos aqui, ao mesmo tempo, a disciplina filosófica que investiga racionalmente a estrutura fundamental da realidade no seu todo e essa mesma estrutura fundamental a que ela objectivamente se refere. Deste modo, questões como o que é a realidade, do que é ela feita, porque é que há alguma coisa em vez de nada, se tudo o que existe e acontece é necessário e determinado, se há ou não livre-arbítrio, se Deus existe ou não, o que é a identidade de um ser e como é que ela se conserva no tempo, que tipos de coisas ou de substâncias existem, ou se tudo o que existe é de natureza física e existe no espaço e no tempo ou se existem coisas ou categorias de coisas que existem fora do espaço e tempo, são, deste modo, questões intrinsecamente metafísicas, tanto porque dizem respeito à estrutura mais fundamental da realidade, como porque se situam literalmente para além da física - enquanto ciência empírica que procura compreender os fenómenos naturais, reduzindo-os às leis que necessariamente os regem -, retomando desta forma o sentido original do termo metafísica que se tornou tradicional.

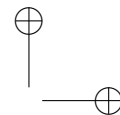
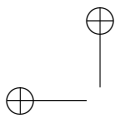


A metafísica trabalha e investiga, assim, crítica e racionalmente os princípios, conceitos e categorias mais gerais que usamos para pensar e conhecer a realidade (inclusive na física), tais como os conceitos de existência, essência, substância, causalidade, identidade, mudança, unidade, multiplicidade, necessidade, possibilidade, relação, propriedade, espaço, tempo, coisa ou ser, transformando-os em problemas ao perguntar o que são, o que significam, como existem e como se relacionam entre si. Uma vez que tal exame não é, em si mesmo, susceptível de ser directamente resolvido por via experimental ou puramente formal, nem sequer por uma aliança das duas vias, não nos resta outra alternativa senão realizá-lo usando a metodologia típica da filosofia, isto é, reflectindo, questionando, problematizando, analisando racionalmente os problemas, discutindo criticamente as várias alternativas teóricas de resposta, argumentando e contra-argumentando, tentando determinar onde estará a verdade em função do valor das razões que são apresentadas para sustentar as teses ou teorias que visam responder aos problemas. É por isso que a metafísica é uma disciplina filosófica e não uma ciência ou disciplina científica - no sentido que este termo ganhou nos últimos três séculos e meio, não no seu sentido original clássico -, pois a natureza do seu objecto de estudo impossibilita por princípio a utilização das metodologias científicas habitualmente usadas pelas ciências, sejam elas empíricas ou formais, naturais ou humanas, ainda que também ela aspire ao conhecimento racional, universalmente válido e objectivo daquilo que investiga.

Quanto ao sentido que aqui daremos à expressão “análise conceptual”, ela significará simplesmente que iremos tentar extrair a partir da imagem simbólica em questão todos os significados que ela permitir ou consentir sob a forma de conceitos gerais e de princípios abstractos, ou seja, de universais abstractos representativos da estrutura metafísica da realidade. Tal processo de extracção consistirá, assim, numa análise e explicitação, tão sis-



temática e exaustiva quanto possível, dos múltiplos conceitos ou significados metafísicos que o símbolo implicitamente sugere de modo sintético e integrado (como é próprio dos símbolos), tanto nas suas partes como no seu todo, convertendo deste modo sentidos potenciais e latentes em conceitos actuais e manifestos. A legitimidade e relevância filosófica deste procedimento de decomposição analítica de um símbolo justifica-se caso o símbolo analisado contenha de facto, potencial ou virtualmente, todos aqueles sentidos que a análise tentará actualizar e tornar presentes, e se o empreendimento de decifração racional não omitir a própria natureza sugestiva, intuitiva e holística que os símbolos necessariamente implicam, tanto em si mesmos como na sua experiência directa, reconhecendo assim os limites próprios que lhe assistem, mesmo quando a empresa é bem sucedida. Ora, sendo vã qualquer pretensão de esgotar todos os significados possíveis de qualquer símbolo ou imagem, e ainda mais tratando-se deste em particular, dar-nos-emos por satisfeitos se conseguirmos provar que o símbolo tradicional chinês do Yin-Yang justifica a crença e a fama de ser um dos mais ricos símbolos da humanidade, ultrapassando em muito as fronteiras do país ou da tradição cultural e civilizacional que o viu nascer e funcionando como um verdadeiro símbolo universal e transcultural, quer por permitir eventualmente simbolizar o Universo e a realidade inteira em alguns dos seus aspectos, propriedades e relações fundamentais, quer por ser acessível e compreensível por todos os seres humanos, sem distinção de raça, sexo, religião, nacionalidade, cultura, tradição ou ideologia, e independentemente de serem orientais ou ocidentais, do norte ou do sul. Com isto fica claro que não pretendemos de modo algum limitar-nos a interpretar o símbolo à luz da própria tradição chinesa de onde é originário e onde se insere, como sejam a tradição taoista e confucionista, embora as leituras que estas escolas dele fizeram nos possam ser úteis e fornecer algumas ideias importantes para a interpretação metafísica do símbolo que pretendemos fazer. Não é tanto



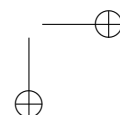
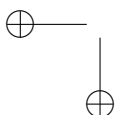
aquilo que os chineses em particular compreenderam ou quiseram simbolizar com a imagem o que aqui nos importa, mas sim o que a imagem é objectivamente capaz de simbolizar em geral sobre a realidade como um todo, ao nível da sua estrutura mais fundamental. Não nos interessam assim qualidades sensíveis ou antropomórficas como o quente e o frio, o seco e o húmido ou o masculino e o feminino, embora nos possam interessar princípios como o activo e o passivo ou o positivo e o negativo, desde que não interpretados moralmente e sim metafisicamente como componentes fundamentais da realidade.

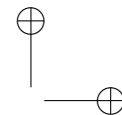
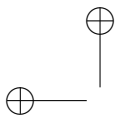
Vejamos então se é justificada a crença na virtualmente infinita capacidade de simbolização metafísica do símbolo do Yin-Yang, dando início ao desdobramento analítico dos seus múltiplos significados e traduzindo-os simultaneamente nos conceitos universais da razão e nos princípios organizadores da realidade que lhes correspondem.

Como é próprio de todo o procedimento analítico, comecemos então por analisar as diversas partes ou elementos que compõem a imagem, explicitando depois as relações existentes entre elas e guardando para o fim a interpretação sintética do símbolo como um todo. Começando pelo mais simples e óbvio, quer dizer, pela circunferência e pelo círculo, tentemos perceber quantos significados metafísicos podemos deles inferir:

1) Unidade, pois sempre em toda a parte a unidade só pode ser, por definição, simbolizada por um único elemento. O círculo simboliza, assim, a unidade de todo e qualquer ser ou coisa, bem como a unidade do todo formado por todas as coisas e seres contidos no seu interior e definidos pelos seus limites.

2) Totalidade, precisamente porque o círculo é delimitado num espaço interior pela circunferência, perfazendo um todo distinto daquilo que lhe é exterior e simbolizando assim tanto o conjunto total da realidade ou do Universo como qualquer totalidade rela-





tiva que faça parte desta, isto é, qualquer ser, coisa ou sistema que forme um todo em si mesmo.

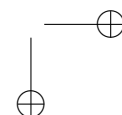
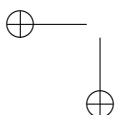
3) Identidade, porque qualquer coisa é idêntica a si mesma e o círculo não é, por isso, excepção à regra, para mais circunscrevendo perfeitamente aquilo que é no espaço fechado da sua própria circunferência, o que lhe permite assim representar a identidade essencial de todas as coisas e seres consigo próprios – ou do Ser consigo próprio.

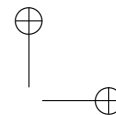
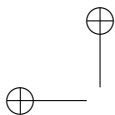
4) Completude, porque o círculo e a circunferência que o encerra são, pela sua própria natureza geométrica, completos, nada lhes faltando acrescentar para que a sua forma permita exemplarmente evocar a própria ideia daquilo que é completo por definição ou essência.

5) Simplicidade, na medida em que é provavelmente a mais simples das figuras geométricas elementares, sem a complexidade evidente manifestada em ângulos ou lados, e sem irregularidades ou assimetrias de qualquer espécie que compliquem a sua harmonia perfeitamente regular e homogénea.

6) Homogeneidade, visto ser composto de um número potencialmente infinito de pontos ou secções perfeitamente iguais entre si, tanto na linha curva que o define como nas partes que o compõem, expressando desse modo a ideia essencial daquilo que é homogéneo em si mesmo.

7) Centralidade, pois toda a circunferência tem um centro absoluto no interior do seu círculo, sendo exactamente equidistante dele em todos os seus pontos e apontando para ele, ou irradiando dele, todos os seus raios, qualidade que lhe permite simbolizar na perfeição o conceito de centralidade, a qual é extensível ao próprio círculo como um todo.





8) Finitude ou limitação, já que qualquer forma ou figura é, por natureza, definida pelos seus próprios limites finitos, fechando-a sobre si mesma e separando-a do exterior, pois sem limites não haveria simplesmente forma nenhuma.

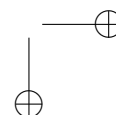
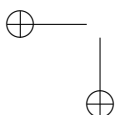
9) Individualidade, porque aquilo que é metafisicamente essencial para distinguir uma coisa ou ser de outra coisa ou ser é o facto de estar individuado(a), quer dizer, de constituir uma entidade diferenciada relativamente a outras entidades, característica que o círculo manifestamente exhibe na perfeição através da sua circunferência e das suas propriedades geométricas essenciais e específicas.

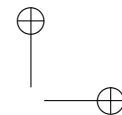
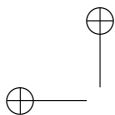
10) Interioridade, pois o círculo é precisamente o espaço interior definido pela circunferência, exprimindo dessa forma em si mesmo a ideia de algo interior relativamente a um espaço que lhe é exterior, à semelhança do que acontece com todos os seres ou coisas, reais ou imaginárias, concretas ou abstractas, que ostentam a mesma propriedade.

11) Dualidade, porque quando saímos do âmbito restrito do simbolismo da circunferência e do círculo e avançamos para a análise da estrutura interna da imagem, aquilo com que nos deparamos imediatamente é com duas figuras que dividem o círculo em duas metades iguais e simétricas entre si, denotando portanto a ideia essencial de tudo que é duplo ou dual.

12) Diferença, pois essas duas metades formalmente iguais são, no entanto, diferentes uma da outra, não só porque ocupam espaços distintos no círculo mas porque são de cores diferentes e se encontram em posições inversas uma em relação à outra e no todo.

13) Oposição ou polaridade, precisamente por ambas as partes em que o círculo se acha dividido serem representadas com cores não apenas diferentes mas opostas (o preto e o branco), por se en-





contrarem em partes opostas do círculo e por ocuparem posições invertidas relativamente uma à outra.

14) Divisão ou separação, visto que a linha sinuosa que atravessa o círculo é a mesma que o divide internamente em duas metades separadas pela própria linha que as define.

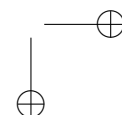
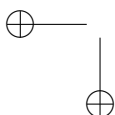
15) Complementaridade, posto que as duas metades se encaixam, completam ou complementam na perfeição, requerendo-se mutuamente para formarem o todo composto por ambas.

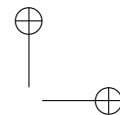
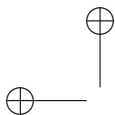
16) Simetria, porque a simetria é essencialmente invariância sob transformações e porque ambas as partes são rigorosamente simétricas uma da outra, não obstante essa simetria se encontrar invertida.

17) Conflitualidade, na medida em que a polaridade oposta das cores, bem como a curvatura da linha que separa e une as duas partes, sugere a ideia de duas forças ou entidades em luta uma com a outra pela supremacia no espaço fechado delimitado pela circunferência, prestando-se desse modo a representar exemplarmente toda e qualquer relação de conflito existente na realidade entre coisas ou forças opostas.

18) Tensão, exactamente pela mesma razão anterior, e porque uma linha divisória rectilínea, fosse ela horizontal ou vertical, não poderia jamais sugerir em si mesma a ideia de tensão, mas tão só de oposição, enquanto uma linha curva com esta forma parece indicar claramente a existência de forças opostas pressionando-se uma à outra.

19) Equilíbrio, o que transparece no facto das duas partes opostas serem rigorosamente equivalentes em todos os aspectos, desde o tamanho à forma, variando unicamente nas suas cores e posições relativas, indicando assim que se encontram em equilíbrio, tanto relativo como absoluto, no interior do círculo.





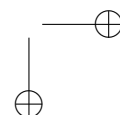
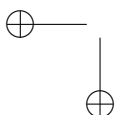
20) Movimento, o qual é sugerido uma vez mais pela linha curva e pelo efeito conjunto que ambas as partes parecem ter uma sobre a outra, como se uma empurrasse a outra em sentido contrário, dando assim a ilusão de rotação ou movimento rotativo no interior da circunferência, contrariamente ao que sucederia com uma linha recta a separá-las, que indicaria rigidez ou estaticidade.

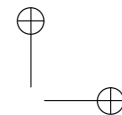
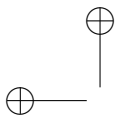
21) Dinamismo, não apenas no sentido referido de movimento das partes uma em relação à outra, mas no sentido mais subtil de transformação interna de uma parte na outra, ideia sugerida pela presença de um ponto branco no interior da metade negra e de um ponto negro na metade branca, dando assim a indicação de um processo de transformação de uma na outra, através do desenvolvimento da “semente” do seu contrário em si mesma.

22) Desenvolvimento, pela razão exposta atrás, e porque o ponto máximo de expansão de cada uma das partes corresponde ao ponto mínimo da outra, iniciando-se uma no ponto exacto em que a outra termina, sugerindo portanto quer a ideia de desenvolvimento interno de cada uma delas, por expansão progressiva da forma dominante, quer de desenvolvimento recíproco da sua contrária no interior de ambas.

23) Ciclicidade ou alternância, que é manifesta na forma como ambos os pólos parecem rodar um sobre o outro, alternando as suas posições relativas no todo de forma cíclica - ora estando um por cima e outro por baixo, ora estando um à esquerda e outro à direita -, mantendo-se desse modo o movimento circular de eterno retorno.

24) Necessidade, porque a estrutura lógica da figura é de tal ordem que a relação entre as partes que a compõem parece implicar a impossibilidade de se quebrarem os laços eternos, tanto estáticos como dinâmicos, que as unem uma à outra, ligando-se as-





sim necessariamente cada uma delas à outra que simultaneamente a completa, sucede, opõe, transforma e origina.

25) Relatividade, quer por cada uma delas só existe na dependência da outra, quer porque ambas só fazem sentido uma em função da outra e em relação com a outra, quer porque são apenas duas partes relativas do todo absoluto que as integra e transcende a ambas.

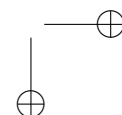
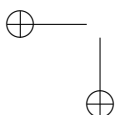
26) Potencialidade, sinalizada nos pontos brancos e pretos no interior das figuras de cores contrárias, como se contendo em potência a figura total da sua própria cor exactamente no ponto máximo do desenvolvimento ou expansão da sua contrária, sugerindo desse modo que o ponto de origem de cada uma das metades realiza o desdobramento progressivo da forma a partir do ponto da mesma cor.

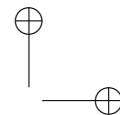
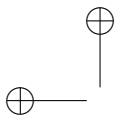
27) Actualidade, visível do mesmo modo que a anterior, só que as avessas, quer dizer, enquanto cada forma simultaneamente desenvolve e manifesta plenamente aquilo que estava potencialmente contido em cada um dos pontos, actualizando assim todas as suas possibilidades nos limites definidos pela estrutura do todo.

28) Ordem, no sentido em que cada um dos elementos que compõem a figura se encontra inserido, tanto do ponto de vista estrutural como dinâmico, numa forma global perfeitamente ordenada que as articula na ordem do todo.

29) Organização, porque todas as partes se encontram conectadas entre si e com o todo, formando uma estrutura complexa de elementos em relação interactiva em que cada uma das partes ocupa o seu lugar próprio e desempenha a sua função específica no conjunto.

30) Sistemicidade, pois o conjunto dos elementos que compõem o símbolo formam um sistema, ou seja, um todo organizado con-





stituído por partes interligadas, cujas propriedades de conjunto são diferentes das propriedades das partes em separado.

31) Complexidade, visto existir uma multiplicidade de elementos distintos e uma variedade de relações estruturais e dinâmicas entre eles, na composição da figura, sendo essa característica intrínseca do símbolo que simultaneamente permite e justifica a própria complexidade da análise teórica aqui efectuada.

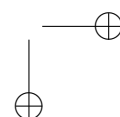
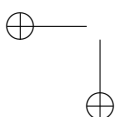
32) Dialecticidade, tanto no sentido clássico da palavra, enquanto diálogo ou debate crítico entre teses opostas, como no sentido metafísico de um processo de desenvolvimento que começa com uma afirmação, progride para uma negação e conclui com a negação da negação ou nova afirmação, reiniciando de novo o processo.

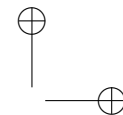
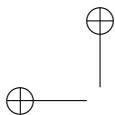
33) Historicidade, na medida em que o movimento sugerido pela dinâmica das partes parece implicar necessariamente que cada uma delas tem uma história, mesmo ela sendo circular ou rotativa, com períodos distintos de expansão ou desenvolvimento e de contração e envolvimento.

34) Temporalidade, porque não existe movimento ou história sem sucessão de acontecimentos no tempo, sendo esta dimensão indicada no movimento aparente das partes, no seu desenvolvimento ou expansão, e na sugestão de rotatividade ou alternância entre elas.

35) Espacialidade, patente tanto no espaço ocupado pela figura total como pelo que é preenchido pelas várias partes que a integram.

36) Interdependência, porque ambas as metades dependem simultaneamente uma da outra para se completarem, se originarem, se moverem e se transformarem, o mesmo acontecendo aos pontos de cores opostas no seu interior.





37) Harmonia, pois a combinação de todos os elementos que formam a imagem compõem uma ordem harmoniosa, não apenas porque cada um tem o seu lugar próprio no seio da estrutura global, encontrando o seu correspondente simétrico na parte oposta, mas porque o todo é perfeitamente proporcionado.

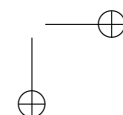
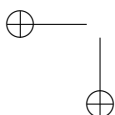
38) Interactividade, transparente na forma como todos os elementos do símbolo agem uns sobre os outros, tanto do ponto de vista estrutural como funcional, condicionando-se reciprocamente em função da posição que ocupam, da cor que possuem, da forma que têm e do papel que desempenham uns em relação aos outros e ao todo.

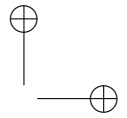
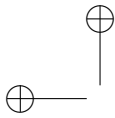
39) Continuidade, presente quer na forma contínua da circunferência quer na forma como uma parte continua a outra no conjunto do círculo, para além da continuidade implícita no movimento simultâneo de actualização e de potencialização de ambos os pontos opostos, à medida que se vão expandindo e transformando na metade da sua cor no seio da sua oposta.

40) Descontinuidade, que é manifesta tanto na existência de partes descontínuas ou diferenciadas entre si por linhas e cores distintas como pelo facto sugerido de ambas as formas e cores se transformarem precisamente nas suas contrárias.

41) Proporcionalidade, já que todos os aspectos da figura são rigorosamente proporcionados, tanto em si mesmos como em relação uns aos outros e à globalidade da imagem, tendo cada um deles a sua contraparte simétrica correspondente e formando o conjunto um todo perfeitamente proporcionado.

42) Regularidade ou constância, porque quer as formas internas, quer a forma do círculo, são estruturalmente regulares e constantes, sendo igualmente regular e constante o movimento interno da sua sucessão e transformação no interior da circunferência.





43) Semelhança, propriedade evidenciada pelo facto de todos os elementos do símbolo terem uma contraparte semelhante a si mesma, ora na forma, ora na cor, ora na função, ora no movimento.

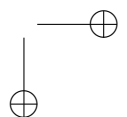
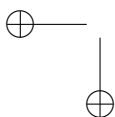
44) Causalidade, tanto eficiente como final e tanto formal como material, a qual é sugerida na forma como cada metade parece causar eficientemente o movimento aparente da outra, no modo como cada ponto colorido no interior da forma de cor oposta parece ser, através do seu desenvolvimento e expansão ou envolvimento e contracção, a causa final responsável pela forma seguinte da mesma cor, enquanto quer a forma quer a matéria diferenciada que definem cada um dos elementos funciona respectivamente como sua causa formal e material.

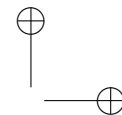
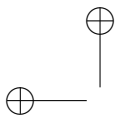
45) Multiplicidade, pela simples razão de estarem presentes múltiplos elementos distintos na composição da figura global.

46) Essência, porque a unidade formada pelos diversos elementos constitui um ser ou sistema com uma identidade essencial diferenciada, quer dizer, que possui propriedades essenciais sem as quais deixaria de ser aquilo que é e se transformaria noutra coisa diferente, nomeadamente todos os seus componentes e respectivas relações.

47) Substancialidade, na medida em que as cores que preenchem toda a imagem sugerem a presença de conteúdo substancial em ambas as formas opostas e respectivos pontos, conservando-se este ao longo de toda a figura e variando somente a natureza da substância em questão, conforme a cor que preenche a forma.

48) Estrutura, pois o conjunto da figura forma uma rede inter-relacionada de elementos organizados entre si de forma estável.





49) Estabilidade, dado que o sistema é estável em si mesmo como um todo, mantendo-se igualmente estável a relação entre as diversas partes que o compõem.

50) Instabilidade ou desequilíbrio, porque, por outro lado, o sistema não é estático mas dinâmico, sendo o equilíbrio do todo conseguido através da instabilidade relativa das partes, que tendem a compensá-la mediante um movimento de equilibração constante.

51) Novidade, visto que, do ponto de vista dinâmico, a forma que sucede a outra é nova relativamente à anterior, invertendo simetricamente a sua cor e posição no todo.

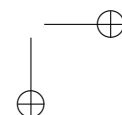
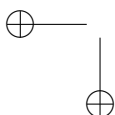
52) Repetição, já que cada uma delas se repete na forma da outra, e ambas se repetem eternamente na sua sucessão cíclica.

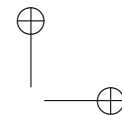
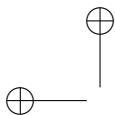
53) Infinitude, sugerida pelo movimento aparente no interior do círculo, o qual parece prosseguir infinitamente o seu ciclo de transformações rotativas, sem princípio nem fim absolutos.

54) Eternidade, dado que a ausência de um princípio e um fim e o prolongamento infinito tanto do movimento como da relação entre as partes, sugere claramente a ideia de eterno retorno do mesmo.

55) Reversibilidade, visível no modo como as diferentes partes parecem originar-se mutuamente, expandindo-se e/ou contraindo-se e transformando-se na sua contrária, revertendo sempre a si mesma e à sua dupla.

56) Concorrência ou competitividade, posto que as cores e as formas competem ou concorrem entre si pela ocupação do espaço e pela dominância relativa de uma sobre a outra, pressionando-se reciprocamente e gerando, assim, o movimento interno do todo.





57) Determinismo ou fatalidade, pois tudo o que acontece dentro da circunferência é rigorosamente determinado pelo jogo complexo entre todos os seus elementos, não parecendo haver qualquer lugar para o acaso, a arbitrariedade ou a imprevisibilidade.

58) Previsibilidade, como propriedade emergente da anterior, visto que o determinismo absoluto implica previsibilidade absoluta, unicamente limitada pelo conhecimento da totalidade dos elementos em jogo e das suas respectivas inter-acções.

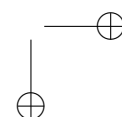
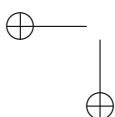
59) Indiferenciação ou mistura, no sentido em que a diferenciação identitária e a respectiva oposição entre as formas e as cores é relativa e não absoluta, já que cada uma tem um pouco da outra no seu interior e acaba por ser essa porção que dá origem à sua contrária, impossibilitando assim a existência de uma forma-cor pura ou absolutamente diferenciada, sendo o todo o resultado da mistura proporcionada de ambas em partes iguais e em funções e posições opostas.

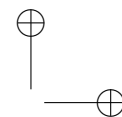
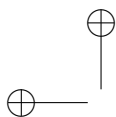
60) Atracção, porque cada uma das duas metades parece atrair a outra, trazendo-a atrás para ocupar o seu próprio lugar na estrutura do todo.

61) Repulsão, pois cada uma delas parece simultaneamente repelir a sua contrária, afastando-a de si para o outro extremo da posição que ocupa.

62) Predominância, no sentido em que cada uma das partes predomina provisoriamente sobre a outra durante o período da sua expansão ou desenvolvimento e à medida que a outra parte se contrai ou envolve, alternando-se mutuamente ao ritmo da predominância relativa de uma sobre a outra no dinamismo cíclico global ou na forma estática do todo.

63) Teleologia ou finalidade, na medida em que parece ser simultaneamente objectivo de cada uma das partes a realização máx-



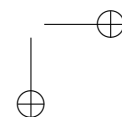
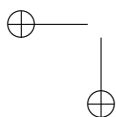


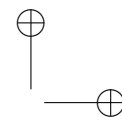
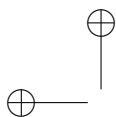
ima das suas potencialidades no seio dos limites do todo, sendo função de cada uma contribuir para a harmonia estrutural e dinâmica do mesmo todo, ocupando a posição e desempenhando o papel que lhe compete na ordem global exactamente com vista à perpetuação desta última.

64) Ateleologia ou ausência de finalidade, pois ainda que pareça haver uma finalidade interna relativa, ou seja, de cada uma das partes em relação ao todo e da própria economia do todo no sentido da sua infinita conservação ou permanência, esta última parece ser em si mesma desprovida de qualquer outra finalidade transcendente, não parecendo haver, deste modo, qualquer sentido ou finalidade absoluta para o todo e para as partes que o compõem, tanto para a sua estrutura global como para a sua dinâmica interna, que não seja redutível à sua eterna duração e imutabilidade imanentes, quer dizer, à infinita persistência de si mesmo.

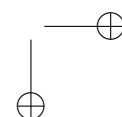
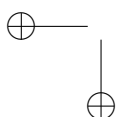
Encerrando por aqui a análise dos significados metafísicos possíveis do símbolo do Yin-Yang em termos de categorias estruturantes da realidade ao seu nível mais profundo e das correspondentes categorias de que a razão humana se serve para a pensar e conhecer, importa reconhecer que tal não esgota a totalidade dos seus possíveis significados metafísicos ou, por maioria de razão, de qualquer outro âmbito, podendo a sua capacidade de simbolização ser virtualmente estendida até ao infinito, de acordo, aliás, com a sua função tradicional de símbolo do todo e de tudo aquilo que existe como parte desse todo.

Efectuada a análise, extraído que foi um conjunto suficientemente numeroso de significados do símbolo em questão (64, à semelhança do número de hexagramas do I-Ching), exclusivamente justificados a partir da própria estrutura do mesmo, resta-nos agora perguntar, por um lado, se tais significados reflectem efectivamente características metafísicas da realidade em geral, por outro lado, em caso afirmativo, que significado sintético se pode retirar do todo





simbólico para a nossa concepção da realidade e/ou do universo como um todo. Ora, em relação à primeira questão, parece-nos claro que a resposta só pode ser afirmativa, uma vez que as categorias encontradas como significados do símbolo correspondem a algumas das formas e princípios mais gerais que organizam toda a realidade ao seu nível mais profundo, podendo quase todas elas ser detectadas em praticamente todas as coisas e seres, bem como no todo que estes formam, revelando assim aspectos, relações e propriedades verdadeiramente comuns a tudo o que existe, independentemente da sua natureza particular. Quanto à segunda questão, a resposta pode ser sinteticamente deduzida a partir da análise realizada: a realidade (ou o universo) pode ser vista e concebida, tanto no seu todo como nas suas partes, como um conjunto integrado de elementos articulados e organizados entre si, formando um sistema dinâmico de relações, interações e transformações, em que nenhum desses elementos existe isoladamente ou dura para sempre, mas em que tudo depende de tudo e se relaciona com tudo, quer estrutural quer dinamicamente, sendo sempre cada todo individual parte relativa de outro todo maior que o inclui, permanecendo unicamente constante o padrão ou estrutura geral segundo a qual tudo se organiza e desenvolve, isto é, aquilo que o próprio símbolo sinteticamente simboliza. De acordo com esta metafísica (ou ontologia) estrutural-dinâmica (como se poderia designar tal concepção) implícita no Yin-Yang, todas as coisas e seres, todos os processos, fenómenos e acontecimentos que constituem o real ou compõem o universo, possuem uma estrutura comum subjacente e obedecem a uma mesma lei universal - que não é física, mas metafísica -, cuja lógica procurámos explicitar através da análise do símbolo. É a partir dessa estrutura lógico-metafísica transversal e invariável que pode dizer, com propriedade, que, embora em proporções relativas diferenciadas e variáveis no tempo, tudo tem o seu lado Yin e o seu lado Yang, que todas as coisas e seres têm uma faceta activa (ou “masculina”) e passiva (ou “feminina”), que



“os opostos se atraem” ou se complementam, que “os extremos se tocam”, que “o conflito é o pai de todas as coisas”, ou que “é da luta dos opostos que nasce a mais bela harmonia”; é também a partir daqui que se pode dizer que tudo o que existe e acontece, seja no mundo natural ou humano, tem um lado positivo e outro negativo, sendo o combate entre os opostos o motor de todos os processos, sejam eles evolutivos ou involutivos, progressivos ou regressivos - e quer se fale de Vida e Morte, Amor e Ódio, Criação e Destruição, Ordem e Caos, Atracção e Repulsão, Luz e Trevas, Bem e Mal, Acaso e Necessidade, Justiça e Injustiça, ou Verdade e Falsidade -, uma vez que tudo faz igualmente parte do Grande Todo, sendo por isso igualmente necessário ao concurso da harmonia global de tudo com tudo; enfim, é ainda daqui que pode extrair a concepção da unidade do todo e da interdependência universal de todas as coisas umas em relação às outras e ao todo de que fazem parte, tanto no espaço como no tempo, na causalidade como na significação, na essência como na existência, formando a realidade uma rede ou um tecido de fenómenos, coisas, acontecimentos, seres, processos e acontecimentos, cuja lógica estrutural e dinâmica remete, em última instância, para cada um deles em particular e para todos eles em geral, fazendo nós parte dessa estrutura absoluta e desse processo universal em que tudo está literalmente em tudo, tudo se liga a tudo e tudo é condicionado e determinado tudo, com todas as implicações antropológicas e éticas que tal visão metafísica acarreta (e que não é aqui lugar para elucidar), tanto para o modo como devemos encarar a nossa própria natureza e posição no cosmos, como quanto à forma como devemos viver as nossas vidas, se quisermos verdadeiramente alcançar a sabedoria e a felicidade.